

Virtualização social e suas implicações na primeira infância: uma revisão histórica e social sob a ótica psicanalítica.

Jéssica Luana Azevedo Costa e Silva*

Maria Conceição Almeida Vita*

Resumo

A história da sociedade é marcada por épocas de grandes diferenças e modificações em sua estrutura. Sabe-se que na modernidade a sociedade tem incorporado inúmeros paradoxos que modificaram a forma como se vive. Com a virtualização, percebe-se que as relações sociais e familiares estão modificadas e que as consequências sobre a infância são inevitáveis. Com o objetivo de descrever as implicações da atualidade no desenvolvimento nos primeiros anos de vida, o presente trabalho baseia-se em uma revisão bibliográfica de autores psicanalíticos que abordam o desenvolvimento psicosssexual da criança na primeira infância, bem como o perigo da intoxicação digital nas crianças.

Palavras-chave: Primeira infância. Psicanálise. Desenvolvimento infantil. Sociedade moderna.

Abstract

The history of society is marked by times of great differences and changes in its structure. It is known that in modernity society has incorporated countless paradoxes that have modified the way we live. With virtualization, it is realized that social and family relations are modified and that the consequences on childhood are inevitable. In order to describe the implications of today's development in the first years of life, this work is based on a bibliographic review of psychoanalytical authors who address the child's psychosexual development in early childhood, as well as the danger of digital intoxication in children.

Keywords: Early childhood. Psychoanalysis. Child development. Modern society

INTRODUÇÃO

Desde a Era Medieval até a Idade Média muito pouco se sabia a respeito do desenvolvimento infantil e quase nada se discutia sobre processos psíquicos, cognitivos e sexuais das crianças. A infância era considerada um período da vida caracterizado pela ausência ou adaptação da fala e, logo cedo, a criança já ocupava determinados papéis sociais e

* Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus – BA. E-mail: luanajessik@hotmail.com

* Docente do curso de psicologia da Faculdade de Ilhéus – BA. E-mail: mcvita2@hotmail.com

auxiliava economicamente sua família. Com os altos índices de infanticídio a sociedade, em conjunto com a igreja, acabou por criar subsídios para que as crianças tivessem acesso à educação e, com isso, pudessem ser diferenciadas dos adultos. O início da escolarização muda à concepção da infância, e as crianças passam a ser supervalorizadas. Seus trajés, brinquedos e ambiente deveriam ser totalmente diferenciados, além do cuidado, afeto e dedicação total dos seus pais e da sociedade (ARIÈS, 1986).

Na modernidade a criança passa a ser vista como um ser ativo, plenamente capaz de raciocinar e estabelecer relações desde o nascimento (JERUSALINSKY, 1998). Sabe-se que, sob a ótica psicanalítica, é por meio da troca com seus cuidadores que o bebê passa a identificar-se como sujeito e, à medida que reconhece seu próprio corpo, por uma identificação com o outro, é que se dá o desenvolvimento psicosexual. Sendo assim, as etapas de desenvolvimento da infância não estão vinculadas obrigatoriamente a um tempo cronológico e sim por meio da troca e identificação ao Outro ou ao grande Outro que, segundo Lacan (1998), indica um lugar/pessoa para quem destinamos, inconscientemente, nossa história, deslocamentos e outras características subjetivas e é assim, por meio das trocas com esse Outro, que a criança começa a estabelecer suas próprias intersubjetividades.

Na vida moderna a relação da criança com seus genitores vêm se modificando e os diversos estímulos visuais e auditivos acabam por gerar certa angústia e frustração diante do ócio. Na era da virtualização o acesso a informação está posto para o sujeito de pouca idade, que muitas vezes não tem um Outro para compartilhar sua vivência. Com isso o imperativo social do que devemos ser e como devemos ser, surge como regra, criando sujeitos que não admitem o “não saber” e precisam das buscas eletrônicas para encontrar-se. Diante disso questionam-se as implicações da diferente perspectiva da infância desde a Idade Média até os dias atuais e como alguns autores abordam o paradoxo entre a infância conquistada ao longo dos anos e a infância retirada com a sociedade moderna, bem como as consequências no desenvolvimento psíquico, cognitivo, social e emocional (JERUSALINSKY, 2018).

Com base em uma revisão bibliográfica, esse trabalho tem por objetivo geral conduzir o leitor a uma melhor compreensão acerca das consequências que a era virtual tem trazido nos primeiros anos de vida e, diante de uma revisão histórica, com base em autores como Philippe Ariès, Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Pierre Lévy entre outros, expor a evolução (ou involução) do entendimento social a respeito da infância, a fim de analisar as implicações diretas da sociedade moderna no desenvolvimento infantil, com ênfase na primeira infância e com base em teorias psicanalíticas descritas principalmente por Sigmund Freud e Jacques

Lacan que embasam autores atuais como Julieta Jerusalinsky a falar sobre a virtualização na primeira infância.

Ao verificar a escassa produção de pesquisas acadêmicas a respeito das implicações da sociedade moderna no desenvolvimento infantil, achou-se viável elaborar um trabalho científico que pretende explicar e ressaltar a importância de estudos a respeito do tema. Sobre o contraponto entre a historicidade e conquistas da sociedade moderna, se faz necessário ressaltar as consequências no desenvolvimento biopsicossocial da criança nos primeiros anos de vida.

Pode-se destacar que o tema em questão tem sido conteúdo de muitos debates atuais, ao ponto de possibilitar o diálogo das implicações do digital no desenvolvimento humano de maneira geral. Porém, apesar da atualidade do tema, pouco se fala das consequências geradas na primeira infância, quando se sabe que as crianças de zero a três anos já estão imersas na era virtual.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

A reflexão acerca da infância tem sido percebida durante todo o processo de construção histórico-social. Sobre a historicidade do conceito da infância pode-se notar que alguns autores sustentam a ideia de que a infância moderna é fruto de influências histórico- sociais. Outros sugerem o inverso, que a modernidade tem acabado com a infância (JERUSALINSKY, 1998).

Um dos pioneiros a estudar a infância foi o teórico francês Ariès (1986) que defendia a infância como algo historicamente construído. Ao falar sobre “as idades da vida” descreve que na Idade Média, por exemplo, os anos eram medidos conforme o número de planetas, desde o nascimento até os primeiros dentes é a infância (ou enfant) que dura até os sete anos e é considerado o período “não falante”, onde as palavras não são bem administradas. Rocha (2002) aponta que a diferente compreensão da idade, por volta do século XII, fez com que as crianças fossem vistas como pequenos adultos, ao ponto de ter obrigações sociais e ajudar economicamente sua família e, a partir dos sete anos, a criança era vista como capaz de exercer um papel social.

A única diferença entre o adulto e criança seria a capacidade de falar e de raciocinar. Não existia diferença na maneira de vestir-se, dos locais que poderia frequentar, nem dos papéis a assumir. As crianças imitavam os adultos e, inclusive, mantinham relações sexuais,

conversas inapropriadas, frequentavam festas e comemorações, sem nenhum pudor ou restrição (ROCHA, 2002). Em *História da sexualidade – a vontade de saber*, escrito em 1976, Michel Foucault aborda a relação da pedagogia com a sexualidade infantil, quando “Na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na forma de pedagogia, pela transmissão do corpo a corpo de um saber preciso” (FOUCAULT, 2017, p. 69). Ou seja, o ensino e o sexo andavam juntos.

O conhecimento, até o século XVII, era considerado perigoso, pois o acesso a livros e ao ensino de maneira geral poderia expor a ordem social a riscos. Apenas os nobres adultos conseguiam permissão para ingresso ao mundo do saber. As bibliotecas eram protegidas pela igreja (JERUSALINSKY, 1998) e as crianças deveriam desenvolver-se por meio do contato com os adultos, que “ensinavam-lhes”, de maneira indireta, como deveriam ser e o que deveriam saber. Para Rocha (2002) a infância era tão desvalorizada que os índices de infanticídio eram muito altos, a prática era considerada natural, a fim de estabelecer uma melhor representação da figura humana. A afetividade entre a família da criança, ou o sentimento de amor materno não existiam.

Elas morriam em grande número. “As minhas morrem todas pequenas”, dizia ainda Montaigne. Essa indiferença era uma consequência direta e investigável da demografia da época. Persistiu até século XIX, no campo, na medida em que era compatível com o cristianismo, que respeitava na criança batizada a alma imortal. Consta que durante muito tempo se conservou no País Basco o hábito de enterrar em casa, no jardim, a criança morta sem batismo. Talvez houvesse aí uma sobrevivência de ritos antigos, de oferendas sacrificiais. Ou será que simplesmente as crianças mortas muito cedo eram enterradas em qualquer lugar, como hoje se enterra um animal doméstico... A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos (ARIÈS, 1986, p. 57).

Por causa dos índices de infanticídio cada vez mais altos, a igreja em conjunto com a sociedade começa a encarar a infância de outra maneira. A higiene e educação passam a ser relevantes, bem como melhores maneiras de criação. Sendo assim, a criança passa a ocupar outro papel, são vistas como pequenos anjos, ou crianças místicas, comparando-as com a imagem de Jesus enquanto criança, “falava-se de uma nova forma, em “pequenas almas”, “em pequenos anjos” expressões que anunciavam o século XVIII e do romantismo” (ARIÈS, 1986, p. 44). Sendo assim, a criança passa a ocupar um lugar especial nas famílias e, por volta do século XVII, surge um apego pela criança ao ponto de ser necessário separá-la dos adultos. A “paparicação” seria um sentimento de prazer, principalmente nas mulheres e amas, para com as crianças, prazer este que levava a um sentimento de apego profundo.

Ao final do século XVII, com o nascimento da escola moderna, ocorre o ingresso da criança ao mundo racional e o acesso ao estudo da linguagem, história, filosofia e outros, se

tornam permitidas as crianças. As formas de ensino, que antes eram voltadas para a cultura e a religião, a fim de preservar padrões morais da sociedade, agora permitem que o conhecimento seja difundido, porém, diante da mudança social que isso provocou, as instituições de ensino se adaptaram, tornando-se padronizadas. No início do século XVIII as escolas tinham por objetivo igualar desde a estrutura física e os meios de ensino, até os padrões comportamentais das crianças (JERUSALINSKY, 1998).

“A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com sua saúde e sua educação” (ROCHA, 2002, p. 57). Sendo assim, percebe-se que o grande marco da representação social da infância passa ser a aquisição da linguagem, o acesso a “racionalização”. À medida que a criança passa a ter entrada no campo do saber, minimiza-se a diferença entre a infância e o adulto. É como se, a partir do conhecimento, a criança pudesse adentrar cada vez mais no campo do saber e, por meio disso, desenvolver-se (JERUSALINSKY, 1998). Em “A vida escolástica” Ariès (1986) aborda as diferenças que a escola pode fornecer a mudança no entendimento da infância

Como a escola e o colégio, que na Idade Média, eram reservados a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separa-las da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1986, p. 165).

Por outro lado, no que tange a representação social da criança, este período mostra-se relevante por criar subsídios, através das escolas normatizadoras, uma psicopatologização infantil. Crianças que não se adequavam ao desenvolvimento padrão comparado a crianças da mesma idade eram consideradas portadoras de alguma patologia, ou seja, o normal estava entrelaçado a uma anormalidade, a média estatística, uma generalização e, de certa maneira, uma construção de um sujeito imaginário formado por meio da comparação, onde se faz necessário o uso dos testes psicológicos que conseguiriam estabelecer um diagnóstico (JERUSALINSKY, 1998).

Com diferentes abordagens da psicologia surgindo, os testes passam a ser questionados e a psicanálise começa a ganhar espaço, ao ponto de distanciar-se dessa concepção da infância a partir de uma construção social ou por meio da comparação. Os psicanalistas acreditam que existe a formação da estrutura da criança, e elevam a importância de perceber os processos e diferenciação a partir da singularidade (JERUSALINSKY, 1998).

Atualmente, a concepção da infância tem, para alguns autores, retornado ao ponto inicial: “as crianças estão se tornando seres adultos precoces ou pseudo-adultos”

(NORONHA, 2005, p. 1397). As crianças modernas vestem-se como adultos e seus jogos e brinquedos são voltados também ao “gosto adulto”. O mundo dos adultos e das crianças tem cada vez menos diferenças, e a visão da Idade Média e período medieval parecem ter retornado. Para Maríán-Díaz (2010) a televisão e a internet seriam, para alguns, os responsáveis pelo fim da infância, para outros a mídia tem criado fronteiras que distanciam o mundo adulto do infantil.

A PRIMEIRA INFÂNCIA NA PSICANÁLISE

A criança do século XXI não é vista como um ser passivo e irracional, talvez por isso a compreensão sobre a infância tenha sido tão alterada ao longo dos anos. Sabe-se que na primeira infância, desde o nascimento, o bebê já se relaciona com seus cuidadores a fim de estabelecer vínculos emocionais (ZORNIG, 2010).

O desenvolvimento infantil, para psicanálise, ocorre de maneira simultânea, ao mesmo tempo em que o corpo físico se desenvolve, o imaginário sobre o corpo se constitui, ao ponto de criar uma estrutura de funcionamento (MOURA; MAGALHÃES, 2006). Esse imaginário é extraído por meio do contato com outros, como se em uma espécie de troca ocorresse uma identificação e, por consequência, o desenvolvimento (LACAN, 1998). Zornig (2010) esclarece que existem duas características na formação da primeira infância: a noção de corporeidade e os objetos que desempenham função significativa no desenvolvimento psíquico por meio das relações e afetividade que sustentam a subjetividade.

Moura e Magalhães (2006) salientam que, para psicanálise, estrutura e desenvolvimento são diferentes, por isso faz-se necessário certa comparação com teorias do desenvolvimento humano que buscam explicar o funcionamento cognitivo, físico e emocional por meio de estágios pré-estabelecidos. Nos últimos anos essa discussão, entre teorias do desenvolvimento e alguns psicanalistas ganharam força, principalmente por levar em consideração o embate entre teorias pedagógicas, que focam na inteligência e processos cognitivos com base no período e idade de desenvolvimento e a psicanálise que vislumbra a percepção do desenvolvimento por meio dos processos afetivos e emocionais. Ariès (1986) em *A história social da criança e da família* descreve sobre a importância dada à idade cronológica desde o século XVI até os dias atuais

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescente, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então adotamos algumas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou

senilidade. De fato, tratava-se originalmente de uma terminologia erudita, que com o tempo se tornou familiar (ARIÈS, 1986, p. 33).

Essa noção de idade acabou determinando, para algumas abordagens desenvolvimentistas, períodos certos de desenvolvimento desde infância até a velhice, sendo o período da primeira infância tido, algumas vezes, como um período de pouca interação. Para Lacan, psicanalista francês, há interação e em “O estágio do espelho como formador da função do eu”, escrito em 1936, a partir dos seis meses, a criança passa a repetir comportamentos, mesmo que de maneira confusa e atrapalhada, com o intuito de adquirir uma postura que se assemelhe a uma imagem já estabelecida e, até os dezoito meses essa imagem é construída e revela o dinamismo libidinal em desenvolvimento. Sendo assim, o estágio do espelho nada mais seria que uma identificação, ou seja, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1998, p. 97).

Cirino (2001) explica que o estágio do espelho foi descrito a partir do experimento realizado em 1931 por Henri Wallon que, ao comparar um filhote de chimpanzé com um bebê humano, enquanto ambos se enxergavam no espelho, percebeu que o bebê conseguia perceber-se como semelhante enquanto o chimpanzé não. Quando a criança se vê diante do espelho, um “ciúme primordial” entre o corpo que enxerga e o que é (a imagem de si) a atinge. Para resolver esse conflito “o sujeito se identifica, em momento de júbilo, com a imagem e é essa identificação primária com o semelhante o que constitui a função do eu” (CIRINO, 2001, p. 103).

O outro tem papel importante na formação e desenvolvimento da criança, porém cabe ressaltar que na primeira infância já é possível produzir sintomas próprios que possam comprometer a instância psíquica do indivíduo e seu desenvolvimento corporal. Jerusalinsky (2009) mostra que, através do laço simbólico entre a mãe e o bebê, que se integra por meio dos cuidados dedicados ao bebê, o Outro toma forma.

As inscrições constituintes do psiquismo que se operam nos primórdios da vida só podem ser entendidas a partir do laço de bebê com um Outro encarnado. O outro implica a estrutura da linguagem anterior e exterior ao sujeito... A mãe, por sua condição desejante em relação ao bebê, é quem primeiramente se vê arrastada a encarnar, *a ocupar realmente o lugar do outro* (JERUSALINSKY, 2009, p.2).

Portanto, antes da própria identificação com o Outro, o bebê, mesmo diante de uma incapacidade motora e dependendo da amamentação, encontra uma maneira de gozo e satisfação para constituir o seu Eu perante o laço que a mãe lhe possibilita. Lacan (1998) nomeia como o “Eu ideal”, que seria um eu imaginário constituído de forma inconsciente e que garante uma participação na formação da estrutura psíquica. O eu ideal é constituído a partir do outro, das relações e da maneira com que se enxerga no outro o eu. “O outro é o eu

ideal: imagem desenhada e esculpida pelos significantes do Outro – aqueles que constituem o Ideal do eu que, na verdade, é o ideal do outro (QUINET, 2012, p.17).

Neste ponto faz-se relevante evidenciar que o Eu e Sujeito são conceitos distintos. O Eu se forma na dimensão do imaginário por meio do outro, o que o faz adquirir um “caráter ilusório e ficcional” (CIRINO, 2001, p. 51) encobrendo os desejos por meio das manifestações inconscientes (ato falho, sonhos, chistes). Quando o Sujeito se encontra, forma-se o sujeito inconsciente que seria o “eu isso”. Daí o estágio do espelho se consolida, como uma forma do indivíduo reconhecer sua realidade.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade (...) e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1998, p. 100).

O bebê (e a criança) vivem o eu ideal pela formação da sua constituição enquanto sujeito. Jerusalinsky (2009) atenua que durante a infância inscrições e reinscrições psíquicas são feitas e estas não são vinculadas a um tempo ou estágio cronológico, diferente do que as teorias do desenvolvimento humano mencionam. No momento em que o bebê consegue definir objetos (por meio da mediação do Outro) o desenvolvimento psicosssexual ganha espaço (CIRINO, 2001).

Freud, em 1905, publicou os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e ao falar sobre a sexualidade infantil aponta que as manifestações psicosssexuais na infância inicialmente estão vinculadas ao ato de sucção (nomeado como o chuchar ou sugar) no período lactente, período este que teria como função inicial nutrir o bebê, porém, o peito da mãe, passa a ser tomado como objeto para proporcionar satisfação. A boca, a língua, o dedo do pé ou da mão e qualquer outro objeto podem ser utilizados a fim de gerar satisfação e conduzi-lo a um adormecimento (FREUD, 1996).

Quando os dentes passam a crescer o seio materno deixa de ser o objeto principal de satisfação e o ato de mastigar torna-se o meio de satisfação auto erótica. Mais tarde, isso é deslocado para a busca dos lábios de outra pessoa e o beijo ocupa esse lugar. Porém é no processo da satisfação com seu próprio corpo que o bebê encontra sua maneira de satisfazer-se (FREUD, 1996). Para Cirino (2001) o investimento libidinal acontece na medida em que o objeto é deslocado (auto erótico, narcísico, homossexual, heterossexual) para um determinado objetivo, que pode ser tanto sexual quanto não sexual e através de zonas erógenas (oral, anal e uretro-genital). Para ele, alguns teóricos mencionam que desde o nascimento (fase oral) o complexo de Édipo já se mostra e tem relação com atitudes do pai e da mãe que provocam

determinadas emoções e indicam, de certa forma, as relações objetais que a criança terá, que poderá ou não, desencadear ansiedade, culpa, depressão e outros sentimentos que são determinados a partir das figuras dos progenitores e terá implicação direta no desenvolvimento sexual e do superego.

Sendo assim, no período da primeira infância, a criança estabelece suas fontes de satisfação libidinal e, à medida que desloca do objeto da mãe seus próprios desejos, consegue desenvolver sua estrutura psíquica, formando o seu eu ideal e o eu real, desvinculando as fantasias e suposições a questões reais e inconscientes. Portanto, o desenvolvimento psicossocial de Freud e o estágio do espelho descrito por Lacan mencionam que através do outro, seja por semelhança ou diferenciação, o sujeito é formado.

Moretto (2016) também aponta a importância da alteridade como fruto da formação do eu. No campo da relação com o outro a autonomia é conquistada. O bebê, desde o nascimento, vive em condição de desamparo e, nos momentos em que é acolhido identifica-se. Esse desamparo seria uma espécie de alienação que é relacionado a uma condição psíquica de separar-se do Outro. Conclui-se que, desde a primeira infância institui-se um Outro que acaba por alienar o eu ideal. O outro, que pode ser um rival ou semelhante com quem se identifica, ocupa um lugar de total importância, e por meio disso, uma relação narcísica proporciona a construção do eu.

CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na sociedade contemporânea percebe-se que os sujeitos estão envoltos por comportamentos e ações díades que acabam por caracterizá-los. É comum notar a dialética entre o liberalismo intelectual e a submissão aos padrões comportamentais. Freud em *O mal-estar na civilização*, escrito em 1930, resume que a vida real se tornou muito difícil de ser suportada ela “traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la não podemos dispensar paliativos” (FREUD, 2011, p. 18), para aceitá-la ele estabelece alguns recursos: Poderosas diversões, gratificações substitutivas e uso de substâncias inebriantes. Com isso criam-se ilusões e fantasias face à realidade que fornecem a sensação de felicidade e bem-estar. Para Lipovetsky (2004) a moda e o consumo surgem como poderosos recursos para aceitar a realidade, pois minimizam a fantasia ao condicionar o mesmo estilo de vida, predispondo uma igualdade comportamental.

Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários

das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais cétricos e menos profundos. (LIPOVETSKY, 2004, p.27-28).

Desde o declínio da igreja e a ascensão do período iluminista o homem foi “liberto” dos severos padrões religiosos e pôde desfrutar de um liberalismo intelectual, político e econômico. Lipovetsky (2004) afirma que, apesar de “libertar” a população do modo de viver de épocas passadas, que interpretavam a ação humana de forma mística ou divina, o iluminismo acabou por trazer, para a sociedade moderna, uma ordem social, advinda de certa maneira pela classe burguesa que instaura uma visão disciplinar e burocrática sobre o controle social. Bauman, no livro *Modernidade líquida*, aponta que só com a emancipação o homem consegue alcançar tal liberdade, que, para ele, seria alcançada por meio de um equilíbrio entre o desejo e a realidade (BAUMAN, 2001).

As diferenças sociais e individuais passaram a ser discutidas e analisadas, e então a diferenciação e a valorização da subjetividade, com relação ao coletivo, passam a ser novamente evidenciadas, dando ao sujeito autonomia e liberdade de escolha (BAUMAN, 2001). Uma “nova era” mostra-se, onde padrões subjetivos e diferentes modos de viver são aceitos, “uma libertação em face das tradições” (LIPOVETSKY, 1944, p. 18). Porém, o padrão normativo apenas fora alterado, ele ainda se faz presente, mas com um maior poder de comunicação os indivíduos passaram a “tomar consciência” de seus modos de ser e viver, é o que se chama de “processo de personalização”, que seria:

Nova maneira de gerar comportamentos, não mais com a tirania dos detalhes, e sim como mínimo de sujeição e o máximo de escolhas privadas possível, com o mínimo de coerção e o máximo de compreensão possível (LIPOVETSKY, 2004, p. 20)

Na segunda metade do século XX a era “pós-moderna” é estabelecida. A valorização e aumento da produção industrial criaram subsídios para consumo em massa. O “amor próprio” e a valorização individual são enfatizados, e um modelo individualista narcisista, aliando o consumo ao gozo e a satisfação individual que se mostram como parte da sociedade. Os modos de vida passaram a ser comercializados e tudo passa a ser organizado em torno da lógica do consumo (LIPOVETSKY, 2004).

A mídia poderia ser uma das consequências desse modelo individualista onde, apesar de ter um importante papel libertador, descentralizador e ampliar a liberdade de pensamento e ação, adquire um grande destaque nas sociedades atuais por seu alto poder normatizador. Sendo assim, a sociedade hipermoderna é responsável por modificar, para além dos discursos, da moda e das formas de viver, a ordem do pensar e agir (LIPOVETSKY, 2004).

Ter a sensação de ser livre e concomitantemente não ser, entretanto, é parte comum de nossas experiências cotidianas – é também uma das questões que mais confusão

provocam, desencadeando sensação de ambivalência e frustração, tanto quanto de criatividade e inovação (BAUMAN; MAY, 2010, p. 33)

Outro ponto a respeito da sociedade atual é a questão da ordem, do imperativo, a emergência e o convite ao “ter que ser”. Moretto (2016) comenta sobre uma lógica universalizante de felicidade que surge por meio dos padrões sociais pré-estabelecidos. O imperativo do gozo e da cultura de sucesso são normas a serem seguidas, e admitir-se como sujeito de faltas é comprometedor. O imperativo tem transformado a sociedade contemporânea em sujeitos cada vez mais narcísicos, onde tudo o inquieta, o assusta e o angustia (LIPOVETSKY, 2004).

Fogaça e Perez (2014) apontam que os indivíduos têm procurado adjetivos para a felicidade que são nomeados como ordem, como uma felicidade ideal. Cabe ressaltar que o conceito de felicidade é um tanto subjetivo sendo definido por Freud como “satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico” (FREUD, 2011, p. 20). Antes do Iluminismo a felicidade encantada reinava e enxergar no futuro uma possível solução para o agora seria o ideal, sempre o futuro, ao ponto de criar uma vida pós-morte para realizar o que não for possível nesta vida. Pós Iluminismo a felicidade tornou-se menos individual e mais coletiva. As revoluções e o papel social criam o ideal de que a felicidade é possível para todos.

A oposição entre a felicidade e morte é a novidade no século XX, e a felicidade torna-se imperfeita e relativa, “Assim, a felicidade se apresenta como uma condição momentânea, passageira, porque sempre retornamos à condição de insatisfação” (FOGAÇA; PEREZ, 2014 p. 223). A felicidade também pode ser mesurada, por meio da comparação com o outro, fruto do consumismo que prega o padrão igualitário ou pode ser uma felicidade paradoxal, onde se escolhe o que consumir, mas também é “escolhido” pelo consumo. A felicidade imperativa seria, portanto, um direito e um dever (FOGAÇA; PEREZ, 2014).

Roseli Sayão (2018) correlaciona o imperativo social a ordem de ter filhos, que se tornou um sonho de consumo, uma realização pessoal. Não se lembra do que é preciso abdicar, apenas a ordem do “ter” é o ideal para alcançar a felicidade, felicidade autônoma que envolve um outro. Jerusalinsky (2018) relata que “objetivar” os filhos é comum na sociedade moderna. Com o hiperconsumo e falta de tempo, o imperativo é comprar um determinado aparelho, livro, roupa, brinquedo e seu filho será feliz.

A SOCIEDADE HIPERMODERNA E AS IMPLICAÇÕES DA VIRTUALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.

Em *o que é virtual*, Pierre Lévy (2017) afirma que a virtualização ou o virtual “não se apõe ao real, mas ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído” (p.16). Ainda, para ele, a virtualização implica em uma modificação temporal ou em um “desprendimento do aqui e agora” (p.19) o que levaria a uma desterritorialização, ao ponto de quebrar fronteiras e limites de tempo e espaço, produzindo efeitos diretos na sociedade e na maneira de ser, as relações familiares e afetivas do nosso século, por exemplo, estão em constante modificação. Para Sayão (2012) desde o nascimento o grande objetivo é construir vínculos, mas com a era virtual, a relação, o olhar, o toque e a comunicação já não são mais os mesmos. A relação entre pais e filhos tem sido à distância, mediados, muitas vezes, por aparelhos tecnológicos.

O tocar, saborear e cheirar (por que não? Já que estamos falando de pais e filhos...o abraçar, beijar, demonstrar afeto) acabam sendo banidos da comunicação dos filhos, que passam a usar apenas o olhar como sentido de alerta por excelência e da comunicação a distância. O “corpo máquina” ou “corpo suporte” pode ser um potencial sugador de mensagens que competem com aquelas passadas olho a olho, por corpos reais, afetos concretos fisicamente. A educação passa a ser uma guerra entre o corpo dos pais e os corpos midiáticos portadores de mundos distintos, muito diferentes daqueles gerados desde o momento da concepção (SAYÃO, 2012, p. 130).

As máquinas - computadores, TVS e outros - tem se tornando um grande empecilho na comunicação entre pais e filhos, bem como na educação nas escolas. Jerusalinsky (2018) aponta que atualmente os verbos mais pesquisados e falados giram em torno do mundo virtual, e a palavra “visualizar” é a mais requisitada. Visualizar exprime a ideia de emergência pela resposta, o que fez anular o “não sei”. Essa emergência de resposta na era virtual tem conduzido a sociedade a um padrão imperativo, determinado pela emergência do saber e anulação do ócio.

Lacan (1998) em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* descreve, por meio de um sofisma, três etapas de tempo. No primeiro momento o sujeito ver o que acontece, mas não consegue se enxergar naquilo, depois elabora o que acontece a sua volta, chegando a questionar e hesitar (o que chamou de moções suspensas). Como último momento a um posicionamento. “A modulação do tempo no movimento do sofisma: “o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir” (LACAN, 1998, p. 204).

Por meio dos três tempos se pode notar que para processar as informações e estímulos sensoriais precisa-se de certo tempo. Portanto na era virtual a emergência do visualizar, do responder e imperativo do saber imediato tem colocado os indivíduos em uma posição angustiante, onde não há tempo para elaborar. Não existe tempo para ver, compreender e só depois concluir (JERUSALINSKY, 2018). Dunker (2017) no texto “Intoxicação digital

infantil”, afirma que existe um novo estilo de vida em que as novas gerações de crianças estão inseridas – a era e a vida digital. O século XXI é marcado pelo acesso rápido e quase que instantâneo a celulares e *tablets*, com isso novas formas de sofrer também apareceram. Para ele, as crianças estão vivenciando uma “super oferta” de presença e não sabem mais lidar com a ausência do Outro, reivindicando sempre sua presença, bem como não sabem lidar com sua intersubjetividade.

As crianças de zero a três anos, como já visto, necessitam da comunicação e relação com um Outro, para estabelecer seu desenvolvimento intrapsíquico. Jerusalinsky (2018) questiona como será possível tal desenvolvimento diante da tecnologia, que tem ocupado o lugar do Outro e anulado, muitas vezes, a comunicação. Feliciano (2019) aponta que o uso das telas poderia ser um risco para o desenvolvimento neurológico da criança além de comprometer a interação e saúde mental. A relação primordial entre mãe-bebê tem sido substituída pela tríade mãe-aparelho eletrônico-bebê, o que implica nas primeiras interações do bebê, uma vez que para compreender as razões do choro e de outras manifestações a mãe necessita de aplicativos que ensinem e as lembrem das necessidades, sob uma espécie de comando sobre como cuidar do seu filho (FELICIANO, 2019, p. 29).

O olhar é o principal indicador de saúde em um bebê. A fuga ou opacidade no contato visual do bebê comunica o risco de encapsulamento em si mesmo, impossibilidade ou indisposição para interação. Assim como o olhar da mãe para o bebê indica sua condição de atender suas demandas, compreender suas angústias e traduzi-las em linguagem. Tudo o que um bebê precisa é de uma mãe atenta. Que não se distraia ou se perca em telas vazias de significados afetivos. O bebê suporta e se estrutura com eventuais incertezas e falhas de uma mãe que esteja fundamentalmente presente (FELICIANO, 2019, p. 29).

Para Dunker (2017) os equipamentos eletrônicos têm substituído os cuidadores, dada sua oferta de estímulos visuais e auditivos, o que faz com que a criança não saiba lidar com o ócio, com a vazia de não ter alguém disponível, já que seus equipamentos sempre substituem algo ou alguém. Com isso as crianças ocupam-se o tempo todo, o que é ótimo para o mundo moderno capitalista – As crianças tornaram-se exigentes consumidores. Gueller (2017) reforça que como implicação direta as crianças desenvolvem uma falsa autonomia e capacidade em lidar com o ócio. Para ela quando a criança passa horas em telas sozinha os sentimentos de: angústia, solidão, raiva, culpa e outros, que afetam a funcionamento psíquico, inibem os medos, fantasias, entre outros afetos conflitantes. No brincar ou na leitura de histórias a criança garante que o vazio ou o tédio da solidão seja substituído por fantasias criadas por ela mesma, já nas telas o desenvolvimento da criança tona-se rígido, pois se vê um apenas um papel.

Essas atividades psíquicas dependem exclusivamente da subjetividade da criança: ela precisa dar forma a seus sonhos e anseios singulares. É no encontro com o vazio que criamos mundos de ficção, levantamos castelos no ar e reinos que não existem nem existirão. Neles podemos experimentar e ter o poder de personificar ser rei ou soldado. Brincando do “eu era”, a criança perversa do “eu sou” (GUELLER, 2017, p. 67).

Sendo assim, sabe-se que as implicações da “era virtual” são as mais diversas na primeira infância por isso, de acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio de diretrizes publicadas em 25 de abril de 2019, é sugerido que “Para crescerem saudáveis, crianças menores de cinco anos devem passar menos tempo sentadas assistindo a telas” e para os bebês, com menos de um ano, não é recomendável que tenham acesso a telas. Para crianças entre 1 a 2 anos de idade

Para crianças de um ano de idade, não se recomenda tempo em atividades sedentárias em frente a uma tela (assistindo TV ou vídeos ou em jogos de computador). Para aquelas com 2 anos de idade, o tempo sedentário em frente a telas não deve ser superior a uma hora; quanto menos, melhor. Em momentos de inatividade, recomenda-se que um cuidador leia ou conte histórias (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019, n.p).

E para crianças de 3 e 4 anos de idade

O tempo dedicado a atividades sedentárias em frente a telas não deve exceder uma hora; quanto menos, melhor. Em momentos de inatividade, recomenda-se que um cuidador leia ou conte histórias (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019, n.p).

Para Bernardino (2017) outra implicação do uso excessivo das tecnologias na primeira infância se dá com a ausência de um objeto central para o bebê manipular, o que interfere na motricidade da criança, além de comprometer o desenvolvimento da inteligência sensório-motora, e é no brincar que a criança estabelece o significado de estar em seu próprio corpo e no mundo ao mesmo tempo.

Com isso, os estímulos tem sido os mais diversos, mas no ato do mamar, do andar, do brincar não tem um Outro com quem compartilhar o momento, apenas as telas de seus aparelhos eletrônicos ou pais envolvidos também em suas telas, o que leva a um outro ponto questionado por Dunker (2017) – o isolamento e redução do laço social. As crianças não se relacionam mais da mesma maneira, são exigentes e não sabem lidar com a frustração. Ainda para Dunker (2017) a “depressividade desejanter” também é tida como ponto importante nessa nova geração, onde gradativamente pode se observar os transtornos e patologias presentes nas crianças - com os jogos e aplicativos rápidos e de fácil acesso, elas acabam adentrando no mundo virtual e, muitas vezes, passam a esquecer da vida real. Por não saber lidar consigo e viver mais em sua fantasia, o corpo tem se tornado um objeto estranho e as modificações

visuais e comportamentos, normais na infância, não são bem administradas conduzindo a um “déficit narrativo na construção de intimidade” (DUNKER, 2017).

Outra característica notada é a falta de privacidade e autenticidade, pois, como não conseguem definir quem são, uma vez que são personagens de jogos ou são o conto do *Youtuber* a respeito de suas experiências subjetivas, não existe seu próprio modo de ser. Nas redes sociais isso é enfatizado, elas podem escolher com quem se relacionar (quem adicionar) e o que querem mostrar sobre si. Também escolhem o que querem ver, e baseiam-se em experiências de uma vida maravilhosa exposta nas redes de seus “amigos”. Tudo isso tem conduzido as crianças e uma intoxicação digital infantil (DUNKER, 2017).

As implicações na primeira infância, no ser que ainda está se apropriando do seu corpo, são as mais diversas. As crianças falam ou repetem apenas o que o aparelho aponta, a falta de comunicação com pessoas reais é escassa. Jerusalinsky (2018) relata que elas ficam, muitas vezes, paralisadas com os aplicativos e deixam de se encontrar com o simbólico e real, o que acaba por diminuir sua interação com o outro. A virtualidade tem o ganho do fascínio sensorial, mas acaba por suprimir a narrativa real. Sendo assim, a constatação que se faz é que novas teorias a respeito do desenvolvimento infantil deverão surgir, visto que o desenvolvimento cognitivo, psíquico e sexual das crianças está modificado pela influência da era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade moderna o sujeito de faltas não é admitido. Os imperativos sociais que surgem como regras estabelecem como se deve viver, criando uma cultura de sucesso onde não há espaço para fracassos. Assim, a relação entre pais e filhos tem sido afetada por essa mudança social que, com o hiperconsumo e falta de tempo, determina o imperativo de que basta comprar um determinado aparelho, roupa, brinquedo e seu filho será feliz, ou, se não for, posso obter informações nos sites, aparelhos ou aplicativos de como fazê-lo. Esse imperativo tem transformado a sociedade contemporânea e tornado os sujeitos cada vez mais narcísicos, onde tudo o inquieta, assusta e angustia. Essa característica moderna também está posta para o sujeito de pouca idade, que muitas vezes não tem um Outro para compartilhar sua vivência, com isso as implicações são devastadoras.

Na primeira infância o excesso de estímulos, presentes na maioria das vezes em telas, causam diversos prejuízos. Embora as recomendações sejam as mais diversas, é possível notar que desde o nascimento as crianças são imersas nas tecnologias, o que tem modificado até

seus primeiros contatos, uma vez que o olhar, o toque e a comunicação já não são mais os mesmos.

As crianças de zero a três anos necessitam da comunicação e relação com um Outro para estabelecer seu desenvolvimento intrapsíquico. O uso das telas pode ser um risco para o desenvolvimento neurológico da criança além de comprometer a interação e saúde mental. Uma falsa autonomia e falta de capacidade em lidar com o ócio podem se instalar, além da possibilidade de sentimentos importantes para o funcionamento psíquico serem mascarados ou vivenciados de maneira profunda, causando desorganização e desequilíbrio no desenvolvimento. Por isso a recomendação é que inicialmente o bebê não tenha acesso e que, à medida que for crescendo, esse acesso seja restringido a apenas alguns minutos do dia.

Assim, a concepção atual da infância se mistura com o avanço social e tecnológico vivido nos últimos anos, e não há como separá-la disso. A grande questão é como o desenvolvimento nos primeiros anos de vida tem se fundido à tecnologia quase como em uma simbiose, transformando as relações e o próprio desenvolvimento, além de colocar em dúvida se as crianças modernas estão, de fato, tornando-se novamente “pequenos adultos”, uma vez que os gostos de roupas e jogos, por exemplo, voltam-se muito mais para o público adulto.

Isso poderia ser mais um marco histórico a respeito do que se entende por infância, ao ponto de gerar uma nova compreensão do papel social da criança e retirar ou conquistar novos saberes, ou ser apenas um processo social inevitável. Todavia, as implicações pelo uso excessivo de telas, principalmente na primeira infância, serão devidamente constatadas nos próximos anos, quando as influências positivas e negativas serão postas no sujeito e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
 BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
 BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
 BERNARDINO, L.M.F. **Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos “outros” da infância contemporânea – Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.

CIRINO, O. **Psicanalise e psiquiatria com crianças** – Desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUNKER, C. Intoxicação digital infantil. **ARTE!Brasileiros**, São Paulo, 14 Fev. 2017.

Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/opiniaio/intoxicacao-digital-infantil/>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade In: **Edição Standart brasileira das obras completas, vol. XX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O mal-estar na civilização. **Edição 1º Editora Schwarcz**. São Paulo: PeguinClassics Companhia das letras, 2011.

FELDMAN, R.D.; PAPALIA, D.E. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed, 2013.

FOGAÇA, J.; PEREZ, C. Felicidade adjetivada: Polifonia conceitual, imperativo social.

Intercom – RBCC, São Paulo, v.37, n.1, p. 217-241. jun. 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GUELLER, A.S. **Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos** - Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

JERUSALINSKY, A. O sujeito infantil e a infância do sujeito. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 146-159, jun. 1998.

JERUSALINSKY, J. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**.

Tese de doutorado em psicologia clínica - Universidade católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Intoxicações eletrônicas na primeira infância**. Youtube. 2017.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CJCrRouBNAY>>. Acesso em: 04 maio 2019. 50:45

LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro-Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 1998.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2011.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: editora Barcarolla, 2004.

- MARÍN-DÍAZ, D.L. **Morte da infância moderna ou construção da quimera infantil?**. Porto Alegre: educ. real, 2010.
- MORETTO, M.L.T. **É preciso ser feliz**. Youtube. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mn8seHo154E>>, Acesso em: 04 maio 2019. 49:31.
- MOURA, D.D.M.; MAGALHÃES, O. Constituição do sujeito x desenvolvimento da criança: um falso dilema. **Estilos da clínica**, São Paulo, v.11, n. 20, jun. 2006.
- NORONHA, C.V. P. N. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Suzana M. de Alencar Carvalho e José Laurentino de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Diretrizes/ Para crescerem saudáveis, crianças precisam passar menos tempo sentadas e mais tempo brincando**. 25 abr 2019. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5919:para-crescerem-saudaveis-criancas-precisam-passar-menos-tempo-sentadas-e-mais-tempo-brincando&Itemid=839. Acesso em: 23 mar 2020.
- QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ROCHA, R.C.L. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **UNICENTRO**, Guarapuava-Paraná. v. 3 n. 2 p. 51-63. Dez. 2002.
- SAYÃO, R. Corpo, consumo e espetáculo: mídia e comportamento de crianças e adolescentes. **Revista Comunicare**, São Paulo, v.12, n.2, Jun/Dez. 2012.
- SAYÃO, R. **Filhos... melhor não tê-los?**. Youtube. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=8hQvDOyGmlg>>. Acesso em: 04 maio 2019. 46:07
- ZORNIG, S.A.J. Reflexões sobre uma ética do cuidado na primeira infância. **Primórdios-CPRJ**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 15-26, 2010.